

AUTONOMIA E TECNOLOGIA: “IMPERIALISMO EPISTÊMICO”?

Renata Silva Souza¹ Email: renatynhass@hotmail.com

Juliana Moroni². Email: julianamoroni@yahoo.com.br

¹Graduanda em Filosofia pela UNESP/Marília. ²Doutoranda em Filosofia pela UERJ.
Orientadoras: ¹Maria Eunice Quilici Gonzalez, ²Karla Chediak.

Em nossa sociedade contemporânea, temos percebido o crescente uso de tecnologias que visam um suposto aprimoramento em nossas capacidades, ideia fortemente defendida pelo movimento transhumanista. No contexto do transhumanismo a melhoria das capacidades dos indivíduos, de acordo com Bostrom (2005), relaciona-se com a ideia do ser transhumano, ou seja, daquele que é aprimorado através da razão aplicada, especialmente por incorporar tecnologias e componentes artificiais que aprimoram substancialmente suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais. Em vista das alterações e utilização indiscriminada de aparatos tecnológicos que propiciem o aprimoramento de nossas habilidades, este trabalho tem como objetivo investigar a relação epistêmica entre autonomia e auto-organização, discutindo os prós e contras da inserção das novas tecnologias no estudo da percepção-ação. Nesse sentido, o problema a ser analisado neste trabalho gira em torno de três questões: 1- O que é “imperialismo epistêmico”? 2- Qual a relação entre autonomia, auto-organização e sistemas complexos? 3- Quais os possíveis aspectos positivos e negativos da inserção das novas tecnologias na relação percepção-ação? De acordo com Dascal (2007), o imperialismo epistêmico é a imposição de determinada forma de pensar de um grupo para outro grupo. É a transferência e fixação de um método de saber considerado universal de um grupo para outro, aniquilando a possibilidade de emergência e expressividade de outras formas de se chegar ao conhecimento. Adotando esta perspectiva, Dascal afirma que a autonomia é uma ilusão dado que sempre há algum tipo de “imperialismo epistêmico” na escolha dos critérios de relevância para realizar determinada ação. Apoiadas na concepção de auto-organização proposta por Debrun (1996), argumentamos que, no plano micro de análise, o “imperialismo epistêmico” cede lugar para algum grau de autonomia do sistema dado que quanto maior o leque de opções presente em um dado sistema, maior será a chance do organismo realizar uma ação autônoma e criativa. Entretanto, com o advento e inserção das novas tecnologias na relação percepção-ação, essa suposta autonomia desaparece dado que o sistema deixa de ser auto-organizado. Nesse sentido, nossa hipótese é de que a autonomia do sistema varia em graus. Isso porque a partir do momento em que o desenvolvimento humano se limita apenas aos aparatos tecnológicos, o leque de opções é diminuído e um supervisor se impõe como direcionador das ações do sistema.